

Nas obras de cada escritor há experiência vivida - Diz a escritora Natália Nunes

Apesar de ter passado parte da infância em Oliveira de Frades (Vale do Vouga, Viseu) e ter morado em Coimbra (1950-56), Natália Nunes é uma mulher de Lisboa. Aqui nasceu (1921), aqui estudou (Liceu M^a Amália Vaz de Carvalho e Faculdade de Letras, onde se licenciou em Ciências Histórico-Filosóficas, 1948), aqui trabalhou (Bibliotecária, durante alguns meses, nas Bibliotecas da Ajuda e Nacional, 1956-57; Conservadora do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 1957-68, e Bibliotecária na Escola Superior de Belas-Artes, 1968-87, depois de ter tirado o curso de Bibliotecário-Arquivista na Universidade de Coimbra, 1956; recebeu o Prémio da Associação Portuguesa de Arquivistas e Documentalistas, 1977), aqui tem produzido a sua obra literária (romance, novela, conto, teatro, memória, narrativas de viagem, teatro, ensaio, tradução) e aqui reside desde 1957.

Colaborou em jornais e revistas (DL, DN, DP, JN, O Primeiro de Janeiro, JL, Cronos, A Esfera, Seara Nova, Vértice) e na rádio com uma série de palestras sobre "Os símbolos dos partidos políticos". Fez parte da última Direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores (1965) e da Associação Portuguesa de Escritores (1978-79).

Acabou de entregar à Biblioteca Nacional, no passado 6 de Maio, o Espólio de seu marido, o professor Rómulo de Carvalho (poeta António Gedeão), com quem casou em 1945 e de quem teve uma filha. Hoje é avó de três netos e sente-se disponível para retomar os seus projectos literários.

Não sei se é correcto dizer que a escrita da Natália Nunes é influenciada pela sua profissão. O facto de ter sido bibliotecária arquivista tem alguma relação com a ênfase da dimensão histórica na sua obra, designadamente em *Horas Vivas (Memórias da Minha Infância)* e *Memórias da Escola Antiga*?

Não nada. Comecei a escrever as *Memórias da Minha Infância* num impulso de registar coisas... e depois saíram umas memóriaszinhas, incipientes, embora muitas pessoas tivessem gostado... E não me arrependo de ter escrito esse livro. Hoje fá-lo-ia mais completo. Os outros livros (romances, novelas e contos) são histórias que aconteceram ou que podiam ter acontecido. Acho que a ficção é um jogo de possíveis, mas a minha profissão não influenciou em nada a minha vocação de escritora. Os arquivistas, geralmente, não são historiadores. Mas se há no que escrevo um carácter histórico, isso é uma propensão natural.

Mas reconhece que a leitura de alguns dos seus livros nos ajudam a conhecer instituições (a escola, por exemplo) e a entender as relações pessoais e sociais de uma época.

Penso que isso se passa com todos os escritores. Há uma parte de nós que não é nossa, é a da sociedade em que vivemos, e que está inserida na literatura que fazemos. Nós vivemos numa época, somos influenciados por ela e isso reflecte-se na nossa obra.

Em *Horas Vivas*, o seu primeiro livro (1952), com as vivências de uma menina entre os 7 e os 10 anos, dá-nos uma ideia de como era a escola daqueles tempos, na província.

Um pouco. Reflecte aquele ambiente, nessa altura eu vivia na Beira Alta, fiz lá a maior parte da instrução primária. Ainda ontem acabei de ler um livro que se passa na Beira Alta e tem exactamente aquilo a que eu assisti. Os miúdos muito pobrezinhos que faziam quilómetros a pé para chegarem à escola, descalços ou de tamancos. Chegavam roxos de frio... Há uma série de notas que reflectem todo esse meio. Era quase medieval.

Quando escreveu as *Memórias da Escola Antiga* (1981) não usou a ficção.

Nas *Horas Vivas* também não usei. Aí, o que há é muito da imaginação de uma criança imaginativa. Mas não há ficção. Nas *Memórias da Escola Antiga* procuro ser objectiva, tanto quanto possível, embora possa haver subjectividade na minha maneira de ver o que se passava.

Nota-se na sua obra um manifesto interesse pela instituição escolar; é a influência de quem viveu com um professor, metodólogo e investigador do ensino?

Não. O meu marido sempre me dissuadiu de ser professora, porque ele sabia que era uma profissão esgotante, mal compensada. Não é bem uma preocupação com a escola é antes uma preocupação com a vida; sou alguém que passou pela escola e reflectiu sobre isso. Ainda hoje continuo a reflectir sobre isso embora não pertença à escola, nem ao campo pedagógico. Não sou pedagoga, mas as notícias sobre o que se passa nas escolas vistas através dos familiares, da televisão, interessam-me na medida em que todo o social me preocupa intensamente.

O *regresso ao Caos* (1960) também tem vários episódios sobre o ensino...

Esse livro é muito influenciado pela vida do meu falecido irmão, António Alfredo, enquanto jovem. Ele era artista e uma pessoa extremamente livre e um tanto desordenada na vida. Um grande trabalhador, teve grande influência na

cidade de Lisboa; trabalhava em publicidade, foi encenador, fez muitas montras, decorações no paquete Infante D. Henrique, mas era tão desordenado no ponto de vista profissional como sentimental. A sua obra ficou dispersa, esquecida e obliterada, porque não guardava os seus testemunhos. Admirava-o porque ele se movimentava muito livremente para fazer a sua vida artística, ao passo que eu, casada, com uma filha e com a vida doméstica e a profissional, era, como dizia o Torga, uma escritora à "sobrepõe". Ele era o "caos" que eu admirava mas que não podia viver, porque já estava metida num "cosmos" relativamente ordenado e porque, por temperamento, sou muito arrumada e metódica.

Eça é um frustrado. E há muitas frustrações nos homens em Portugal

Reconhece então que a sua obra reflecte muito das experiências de vida.

Depois do 25 de Abril, os jornalistas e os críticos passaram a perguntar descaradamente aos escritores "Ouça lá, isto é autobiográfico?" Eu acho que isto é a transplantação do espírito de bisbilhotice de vizinha, para o jornalismo. Não há escritor que possa afirmar que nas suas obras não haja experiência vivida, mas não há só isso. O escritor, porque é imaginativo, ao viver já está a ficcionar e ao ficcionar já está a viver. Entra no chamado jogo dos possíveis: vemos vários caminhos, escolhe-se um deles que, depois, se preenche com pequenas coisas da vida quotidiana, a nossa ou a dos outros. A ficção é feita disso, da nossa vida, com as suas frustrações, os seus projectos, sonhos, desejos, êxitos e malogros. Os nossos e os dos outros, adivinhados ou sabidos.

No livro *As Velhas Senhoras e outros contos* (1992) confessa ter uma atracção por temas como a loucura, as vivências infantis e juvenis.

É verdade. Tratei algumas vezes de psicopatias, como nos contos "Ao menos um hipopótamo", "Clastomina", "Micolina", entre outros. Quanto às vivências infantis e juvenis ainda não estão completamente "esgotadas". Mas não sei até que ponto as poderei retomar porque o tempo vai passando e não sei quanto terei ainda de vida. Por exemplo os "Cadernos de uma menina pensativa"...

Textos que saíram, em 1968, no *Diário Popular*...

Se eu publicar esse livro, "Cadernos de uma menina pensativa" fica como subtítulo, mas vou talvez chamá-lo "Livro dos Arquétipos". Mas tenho de o ampliar. Eu queria dar as vivências de uma criança através de uma linguagem que não seja a do escritor que está a fazer estilo, mas que procure traduzir, no discurso, a vivência infantil tal e qual se passa no espírito da criança. É difícil, tem de se simplificar muito. Tornar simples o que é muito complexo. Eu tinha o projecto de fazer um *Curriculum Vitae*, em vários volumes. O terceiro seria umas "Memórias da função pública". Não sei se vou conseguir fazer isso mas gostava. Nós temos projectos que nunca se realizam, porque vêm outros que nos exigem mais ou porque a vida não deixa. A vida não nos deixa fazer muitas coisas.

O outro grande tema...

A loucura. É curioso que, não sendo psicóloga de profissão, cheguei a pensar em o ser, mas enfim, havia aquela necessidade de ter dinheiro ao fim do mês... Ainda tirei um curso de testes psicológicos e cheguei a fazer um estágio no Hospital de Santa Maria, na clínica psiquiátrica de mulheres. O director era o Prof. Barahona Fernandes. Quando escrevi o conto "Ao menos um hipopótamo", ofereci-lhe um exemplar e ele disse: "Gostei muito e está cientificamente correcto". Acertei...

É mais do que "pontaria"... Mesmo ao abordar temas em que não se considera *expert*, fá-lo com rigor e ciência. Quando analisou a educação, em *Memórias da Escola Antiga*, aconteceu isso também.

Tenho certo espírito racionalista, metódico. Aliás, o Gaspar Simões dizia que o romancista está mais perto do cientista que do poeta. Mas eu também tenho poesia na minha prosa, suponho, e dizem-me.

A produção ficcional pode ser vista como uma boa fonte para se conhecer certas realidades? Diz-se que os romancistas, algumas vezes, melhor que os pedagogos, escrevem sobre educação e fazem melhores análises da sociedade do que os sociólogos.

Às vezes também considero que sim, mesmo quando o sociólogo trabalha cientificamente. Pelo menos o escritor é geralmente mais comunicativo.

É mais eficaz?

Sim, eu penso que pode ser. Há muito tipo de literatura em que isso acontece, em particular quando o romancista procura inserir os seus problemas nos da sociedade, atinge certos aspectos mais informativos.

Óscar Lopes & António José Saraiva no *Dicionário da Literatura Portuguesa*, dizem que a Natália Nunes é "um dos mais típicos casos de revolta contra a ética repressora da liberdade feminina burguesa."

Eu não sei se é revolta. Não é uma revolta explícita. Uma escritora ao narrar certos casos e ao fazer introspecção, o que acontece muito na literatura feminina, está, ainda que de uma forma não explícita, a reivindicar implicitamente. É quase toda a literatura feminina é sobre temas femininos. Vejo que as mulheres tratam sempre dos seus próprios problemas. Os homens tratam dos homens e das mulheres, mas muitos continuam na literatura a ser misógenos e anti-feministas. Um caso actual da nossa literatura, em que há um homem que tem uma nítida atitude de defesa das mulheres, é o Alçada Baptista. Tem uma compreensão justa do que deviam ser as relações entre o homem e a mulher, até quando essas relações não são regulares. Tem sensibilidade para encarar essas relações.

Apesar de falar muito das mulheres, a Natália Nunes diz, em *As Velhas Senhoras*, "os meus contos onde aparecem mulheres, são amargos. Aqueles onde aparecem homens, amargos são".

É a condição humana. A frustração que se nota nas mulheres, também se nota nos homens. O Coimbra Martins escreveu um excelente artigo sobre o Eros na literatura portuguesa, na obra dos escritores desde o século XIX ao século XX; nota-se que ele vai procurar as frustrações dos homens, e são muitas. O próprio Eça é um frustrado. E

há muitas frustrações nos homens em Portugal, por muitas liberdades que eles tenham. Frustração não só erótica, mas ao nível social, político, na nossa vida de pobreza. Ao longo dos séculos fomos sempre pobres mas desperdiçadores; quando tivemos alguma coisinha nas mãos desperdiçámo-la à grande.

Numa entrevista ao jornal *Expresso*, em Junho de 1998, dizia "não sou nem nunca fui política mas sempre defendi ideais sociais".

Na minha vida privada, o tema político está sempre presente, com uma tão grande preocupação que chega à angústia, mas isso não o ponho explicitamente na literatura.